

Brasil e fibra curta: dupla dinâmica do setor

Por Marina Faleiros Garcia

A história é longa, mas a fibra é curta, no caso do Brasil e a celulose mais produzida no País - a celulose fibra curta branqueada de eucalipto. Parceiros inseparáveis, assim como nas histórias em quadrinhos, nas quais personagens se completam e vencem todos os inimigos, o eucalipto se adaptou ao solo brasileiro e promoveu de forma acelerada o crescimento da indústria nacional do setor.

Mas as aventuras destes parceiros ainda não chegaram ao fim, pois alguns obstáculos têm de ser superados, conforme **Rainer Häggblom**, Chairman e CEO da Jaakko Pöyry

Consulting Oy. A exemplo da distância entre os grandes mercados e o alto custo de capital interno do Brasil. "Mas é certo que o setor de celulose e papel vai continuar a crescer em ritmo acelerado no mundo e, para isso, precisaremos de mais fibras."

Neste contexto, a fibra curta desponta como grande potencial, para vantagem dos brasileiros, pela competitividade da produção nacional. Com anos de experiência na indústria brasileira, aliada a uma visão global do setor, Häggblom faz um panorama nesta entrevista, a partir do potencial da celulose brasileira e justifica por que o final da história Brasil e fibra curta será feliz.



SÉRGIO SANTÓRIO

Häggblom: "quando forem aplicar dinheiro, os investidores devem ser muito realistas sobre o futuro, eficientes e avaliar com precisão a probabilidade de retorno"

O Papel - *Quais as tendências para este ano na indústria de celulose e papel?*

Rainer Häggblom - Este ano será melhor que 2003, apesar de tudo depender da maneira como a economia mundial continuará a crescer. O caminho não será fácil, mas a indústria sobreviveu a outras adversidades no passado. A economia, como um todo, estará crescendo, com destaque para um dos mercados mais valorizados de hoje, o chinês. Este país será um dos maiores demandantes de papel e, conseqüentemente, de celulose. Por isso, será muito importante para o mundo dos papeleiros a performance da China. Mas é certo que o setor de celulose e papel seguirá em expansão em ritmo acelerado. Para isso, precisaremos de mais fibras. Neste contexto, a fibra curta desponta como grande potencial, para vantagem dos brasileiros, pois ela é muito produzida de forma competitiva no País.

O Papel - *Quais são os principais desafios para o setor em 2004?*

Häggblom - Isso depende muito da parte do mundo em que você está. Em termos de investimentos, os empresários têm de ter em mente que os preços de celulose e papel continuarão a cair. Então, quando forem aplicar dinheiro, os investidores devem ser muito realistas sobre o futuro, eficientes e avaliarem com precisão a probabilidade de retorno. Depois, deve ser levado em consideração o famoso custo do capital, que, em um país como o Brasil, é alto. Entretanto, com os preços em queda, a competitividade e eficiência serão primordiais e, por isso, cada vez mais será difícil sobreviver com plantas velhas e tecnologias defasadas.

O Papel - *Como está o setor de papel e celulose atualmente no mundo?*

Häggblom - Certamente, esta é uma grande indústria. Ela cresce

todo ano e existem áreas, como a América Latina e Ásia, onde as taxas de crescimento superam os 10% ao ano. Alguns segmentos ainda estão em fase de ampliação, como os de papel imprensa, tissue e papéis especiais. O número de pequenos escritórios está aumentando e, com eles, a demanda por papéis de imprimir e escrever também sobe. As boas perspectivas também estão na área de embalagem. De um modo geral, são três os pólos fortes para a indústria mundial de celulose e papel, que são China, Rússia e os países, como o Brasil, que têm vantagens naturais comparativas. A primeira, devido ao seu mercado em rápida expansão e deficiência em fibra; e os dois últimos pontos do tripé, devido ao seus grandes potenciais em prover madeira a preços competitivos.

O Papel - *A China é vista pelo sr. como ameaça ou oportunidade*



SÉRGIO SANTÓRIO

Häggblom no estande da Jaakko Pöyry, durante o ABTCP-TAPPI 2003

ao Brasil, considerando o setor de celulose e papel?

Häggblom - É uma oportunidade. A China está crescendo no mercado de papel, porém, ao mesmo tempo, o custo da fibra é muito alto. Acaba sendo uma oportunidade para a indústria brasileira de celulose de continuar a expandir seu mercado. No Brasil, existem plantações de crescimento rápido, muito eficientes e estabelecidas, e o gerenciamento da indústria florestal é bom.

O Papel - Aliás, competitividade é sempre um desejo para todas as empresas. Como as indústrias brasileiras devem atuar neste sentido nos próximos anos?

Häggblom - O Brasil, com suas vantagens naturais para as florestas de rápido crescimento, deve também apostar na alta qualidade de sua celulose, além de baixo custo de produção e tecnologia. Mas isto já é visto por aqui, pois no Brasil não é só a natureza que está fazendo as árvores crescerem, mas também as pessoas, os *expertises* em florestas de crescimento rápido que o País tem e a tecnologia empregada. Somado a isso, não posso deixar de mencionar a qualidade dos ativos que o Brasil tem construído. As plantas de larga escala, as fábricas com processos de última geração, estão garantindo o sucesso do Bra-

sil no futuro. O País está fazendo as apostas corretas, pois este setor é de um capital intensivo tão alto que não se deve jogar com pequenas fábricas, mas sim apostar no volume e manter-se no estado-da-arte, o que o Brasil já tem feito.

O Papel - Quais são os pontos negativos do setor brasileiro de celulose e papel?

Häggblom - As desvantagens são os mercados consumidores distantes e os altos custos de capital. Mas apesar dos custos não poderem ser mudados rapidamente, eu posso dizer que não existe chance de este nível global da indústria brasileira ser detido. Creio muito nas plantações de crescimento rápido e nas novas tecnologias que este País possui.

O Papel - E qual a sua sugestão para os investidores brasileiros?

Häggblom - O Brasil tem uma competitividade natural e, para este País, em termos de mercados potenciais, a celulose é o principal. A natureza ajuda a produzir uma fibra de ótima qualidade aqui e é muito interessante o fato de que toda a fibra que o mundo precisa poderia ser produzida só neste País. Mantenham em mente que esta é uma indústria crescente, e que o item mais importante do custo é a fibra. Além disso, o Brasil está servindo um mercado interno crescente em papel,

como papéis de imprimir e escrever, papel revestido, papel para embalagem e tissue.

O Papel - E quanto a investimentos em fibra longa?

Häggblom - A vantagem natural do Brasil está nas plantações de crescimento rápido. Talvez, no futuro, a fibra longa venha a ser representativa. Contudo, acredito que agora não é momento.

O Papel - Com tantos potenciais e investimentos, por que então o market share das companhias brasileiras ainda é limitado?

Häggblom - O grande problema é a distância. Infelizmente, os mercados grandes não estão na América Latina, mas sim na Ásia, América do Norte e Europa. Portanto, a indústria precisa ser muito competitiva para conseguir entrar nestes mercados. Mas, mesmo assim, o fato é que mais e mais a produção de celulose, particularmente fibra curta, está se movendo para o sul do hemisfério, perto das plantações rápidas, e aí está a vantagem do Brasil.

O Papel - Olhando para o mundo, aonde estão as garantias da sustentabilidade do setor?

Häggblom - São muitas. Nós continuaremos a usar celulose e papel para a informação, com livros, revistas e jornais, e para higiene, com o tissue, por exemplo. Existe também a área de construção civil, na qual há muitas oportunidades, apesar dos mercados crescerem em baixa velocidade. O mundo também não mudou de nenhuma maneira pragmática, pois quando precisamos enviar um produto de um lugar A para um B, precisamos da embalagem. Para isto, existe a necessidade das fibras, que protegem com segurança as mercadorias. E a grande vantagem é que, para estes produtos e todo o setor de celulose e papel, existe um sistema sustentável, baseado nas plantações de florestas renováveis. 



Brazil and short fiber: the sector's dynamic duo

Brasil y fibra corta constituyen la receta exacta para el crecimiento del sector brasileño de pulpa y papel en el mundo

By Marina Faleiros Garcia

In Brazil, short fiber has a long history - and short fiber bleached eucalyptus pulp is the sector's principal product in the country. Like a pair of comic book heroes who complement each other and defeat all challengers, eucalyptus has adapted to Brazilian soil and contributed to the rapid growth of the national industry.

*But the adventures of these partners are still not over, because there are still some obstacles to overcome, according to **Rainer Häggblom**, Chairman and CEO of Jaakko Pöyry Consulting Oy. An example is the distance to key markets and the high cost of capital in Brazil. "But the truth is that the global pulp and paper sector will continue to grow rapidly, and this will require more fiber."*

In this context, short fiber has a great potential, which is good news to Brazilians, because of the competitiveness of national production. With years of experience with the Brazilian industry, along with a global perspective on the sector, Häggblom gives an overview in this interview, based on the potential of Brazilian pulp, and explains why this story of Brazil and short fiber will have a happy ending.

O Papel - What is the pulp and paper industry's outlook for this year?

Rainer Häggblom - This year will be better than 2003, even though everything depends on how the global economy will continue to expand. The going won't be easy, but the industry has survived other adversities in the past. The economy as a whole is growing, especially one of the strongest today - China. This country will be one of the biggest consumers of paper, and thus of pulp as well. China's performance will be very important to paper producers worldwide. But the pulp and paper sector will certainly keep expanding rapidly, and this will require more fiber. In this context, short fiber has a great potential, which is good news to Brazilians, because Brazilian production is very competitive.

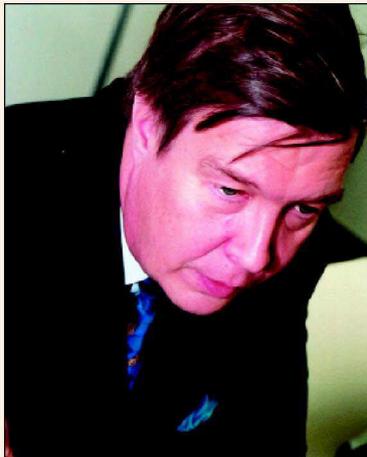
O Papel - What are the principal challenges for the sector in 2004?

Häggblom - This greatly depends on what part of the world you are in. In terms of investments, executives should keep in mind that pulp and paper prices will continue to fall. So when they invest money, the investors need to be very realistic about the future, as well as efficient and precise-

ly assess the probability of return. Next, they need to consider the famous cost of capital, which in a country like Brazil is very high. However, with prices dropping, competitiveness and efficiency will be fundamental, and thus it will be increasingly difficult to survive with old plants and outdated technology.

O Papel - How is the pulp and paper industry currently doing worldwide?

SÉRGIO SANTÓRIO



Häggblom believes that China is an opportunity for the Brazilian pulp and paper industry to continue expanding its market

Häggblom - It is certainly a great industry. It is growing every year, and there are areas, like Latin America and Asia, where the rates of growth exceed 10% per year. Some segments are still in a phase of expansion, like newsprint, tissue and special papers. The number of small offices is increasing, and as a result the demand for printing and writing paper is also rising. There are also good prospects in the area of packaging. In general, there are three strong regions for the global pulp and paper industry - China, Russia and countries like Brazil which have natural comparative advantages. China is important because of its rapidly expanding market and shortage of fiber, and the last two regions because of their great potential to produce wood at competitive prices.

O Papel - Do you see China as a threat or opportunity for Brazil, in terms of the pulp and paper industry?

Häggblom - It is an opportunity. China is growing in the paper market, but at the same time the cost of fiber is very high. It ends up being an opportunity for the Brazilian pulp and paper industry to continue expanding its market. Brazil has fast-gro-



wing efficient and established plantations, with a well-managed forestry industry.

O Papel - Competitiveness is always an objective of all companies. How should Brazilian industries work in this area in the coming years?

Häggbloom - Brazil, with its natural advantages in terms of fast-growing forests, should also take advantage of the high quality of its pulp, along with the low cost of production and technology. But this is not news here, because Brazil has natural advantages in terms of tree growth, but also in terms of people and expertise in fast-growing forests and the technology used. Along with this, we can't forget the quality of the assets that Brazil has built. The large-scale mills and the factories with latest generation processes are ensuring Brazil's long-term success. The country is making the right moves, because this sector is so capital intensive that one can't enter the game with small plants, but rather must produce at a large scale and maintain state of the art technologies, which Brazil has been doing.

O Papel - What are the weaknesses of the Brazilian pulp and paper sector?

Häggbloom - The disadvantages are the distances to consumer markets and the high costs of capital. But even though the costs cannot be changed quickly, I can say that there is no chance of this global level of the Brazilian industry being held back. I have a lot of faith in fast-growing plantations and in the new technologies that this country possesses.

O Papel - What is your suggestion for Brazilian investors?

Häggbloom - Brazil has a natural competitiveness, and in terms of potential markets, pulp is the country's principal opportunity. Nature helps to produce an excellent quality fiber here, and it is very interesting to note that all the fiber the

world needs could be produced in this country alone. Keep in mind that this is a growing industry, and that the most important cost factor is fiber. Also, Brazil is serving a growing domestic paper market, with printing and writing papers, coated paper, packaging paper and tissue.

O Papel - And what about investments in long fiber?

Häggbloom - Brazil's natural advantage is in fast-growing plantations. Perhaps in the future, long fiber could become important. But I believe now is not the right time.

O Papel - With so much potential and investment, why do Brazilian companies have such a limited market share?

Häggbloom - The great problem is distance. Unfortunately, the key markets are not in Latin America, but in Asia, North America and Europe. Therefore, the industry needs to be very competitive, to be able to enter these markets. But even so, the fact is that more and more pulp production, especially short fiber, is moving to the South, close to the fast-growing plantations, and that is Brazil's advantage.

O Papel - Looking at the world, where are the guarantees of sustainability for the sector?

Häggbloom - There are many. We will continue to use pulp and paper for information, in books, magazines and newspapers, and for hygiene, with tissue paper for example. There is also the area of civil construction, in which there are many opportunities, although the markets are growing slowly. The world has also not changed pragmatically, because when we need to send a product from point A to point B, we need packaging. Thus there is a need for fiber, to safely protect merchandise. And the great advantage is that for these products and the entire pulp and paper sector, there is a sustainable system, based on renewable forestry plantations. 🌱

ELOF HANSSON